

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-
Graduação em História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Vidotte, Adriana

Política e emoções na construção da imagem de Isabel a Católica (1474-1504)

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em

História, vol. 20, núm. 2, 2016, pp. 99-114

Universidade Estadual de Maringá

Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305549078008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Política e emoções na construção da imagem de Isabel a Católica (1474-1504)

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v20n2.34569>

Adriana Vidotte

Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil (2005), e Professora no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, e no Mestrado Profissional em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas adrianavidotte@gmail.com

Resumo

O artigo propõe abordar a construção da imagem de Isabel, a Católica (1474-1504) aproximando duas perspectivas historiográficas, a História Política e a História das Emoções. Limita-se à observação das emoções e dos gestos emocionais revelados na articulação da condição feminina de Isabel ao modelo masculino de rei, destacando como tópicos o amor e a autoridade. Focando esses dois tópicos, destaca as emoções reveladas nas crônicas do período e no Testamento da Rainha e os ajustes das manifestações emocionais de Isabel em diferentes espaços sociais. Salienta que as emoções e os modos de expressão emocional foram utilizados não só como formas de expressar sentimentos, mas, sobretudo, como recursos usados para radicalizar uma imagem ideal da Rainha dentro de comunidades emocionais específicas, composta por reis, nobreza e o público ao qual foram dirigidos os escritos.

Abstract

The politics and the emotions in constructing the image of Isabel the Catholic (1474-1504)

The article has the purpose to approach the construction of the figure of Isabel, The Catholic (1474-1504), approximating two different historiographical perspectives, the Political History and the History of the Emotions. This last one limits itself to the observation of the emotions and the emotional gestures revealed in the articulation of Isabel's feminine condition to the masculine model of a king, highlighting topics like love and authority. Focusing on these two topics, it emphasizes the emotions revealed in the chronicles of the period and in the Queen's Testament and the adjustments of the emotional manifestations of Isabel at different social spaces. It points out that the emotions and modes of emotional expression were utilized not only as ways to express feelings, but, above it all, as resources used to radicalize one ideal image of the Queen inside specific emotional communities, composed of kings, the nobility and the public to which the writings were intended to.

Resumen

Política y emociones en la construcción de la imagen de Isabel la Católica (1474-1504)

El artículo propone abordar la construcción de la imagen de Isabel la Católica (1474-1504) acercándose de dos perspectivas historiográficas, la Historia Política y la Historia de las Emociones. Se limita a la observación de las emociones y de los gestos emocionales revelados en la articulación de la condición femenina de Isabel con el modelo masculino de rey, destacando temas como el amor y la autoridad. Centrándose en estos dos temas, pone de relieve las emociones reveladas en las crónicas de la época y en el Testamento de la Reina, y la configuración de las manifestaciones emocionales de Isabel en diferentes espacios sociales. Señala que se utilizaron las emociones y los modos de expresión emocional no solo como formas de expresar sentimientos, sino, sobre todo, como recursos utilizados para radicalizar una imagen ideal de la reina dentro de las comunidades emocionales específicas, formadas por los reyes, la nobleza y la audiencia a la que los escritos fueron dirigidos.

Keywords:

Isabella, Catholic; History of the Emotions; images of royalty.

Palabras Clave:

Isabel, la Católica; Historia de las Emociones; imágenes de la realeza

Introdução

O interesse pela figura de Isabel de Castela (1474-1504) – protagonista de um reinado rico em acontecimentos políticos expressivos como a conquista do último reduto muçulmano da Península Ibérica, a expulsão dos judeus do reino castelhano e a Conquista da América – tem ocasionado a produção de estudos sobre os mais variados aspectos de sua vida e de seu reinado. Em obras consideradas clássicas, historiadores como Tarcísio de Azcona (1964), Luis Suárez Fernández (1898, 1990, 1992, 2004, 2010, 2012), Cepeda Adán (1956) e Valdeón Baruque (2003, 2004) apresentaram uma visão geral sobre a vida e a época de Isabel. Em outros estudos, mais recentes, historiadoras como María Isabel Val Valdivieso (2004, 2011) e Cristina Segura Graíño (2002), se dedicaram a aspectos específicos ou parte da vida da Rainha. Essa produção historiográfica tem revelado notáveis avanços nas últimas décadas, decorrentes, em grande medida, das mudanças ocorridas no campo da História Política, com a apresentação de novas perspectivas sobre o poder, as formas de dominação social, a comunicação política, as articulações entre o simbólico e as práticas sociais, as emoções, entre outras. Nesse sentido, a história política do reinado de Isabel renova-se, por um lado, ao mobilizar o poder para explicar a dinâmica social, e por outro lado, ao acenar para a possibilidade de se agregar as dimensões simbólicas e afetivas ao estudo da política.

Consoante com essas novas perspectivas historiográficas, o presente artigo pretende analisar a construção da imagem de Isabel a Católica aproximando a História Política e a História das Emoções. Longe de produzir determinismos psicológicos, a História das Emoções tem proporcionado o aprofundamento e a atualização dos conhecimentos históricos. Adotando a perspectiva da História das Emoções, a presente pesquisa busca agregar as dimensões simbólicas

e afetivas ao estudo da política castelhana do período dos Reis Católicos. Nessa abordagem considera, antes de tudo, as especificidades do período abordado. As sociedades ibéricas medievais são cristãs e de competição, e isso exige questionamentos acerca da concorrência, da mediação dos conflitos e das contradições associadas às relações afetivas subjacentes às relações sociais e políticas. Propomos analisar a construção da imagem da Rainha por seus contemporâneos, especialmente o cronista Fernando del Pulgar, destacando as emoções e os modos de expressão emocional que eles valorizam, desprezam ou toleram, e que utilizam para modelar a rainha ideal.

Seguindo os ensinamentos da historiadora americana Barbara Rosenwein (1998, 2002, 2006) e Rosenwein, Head e Farmer (1991), salientamos a complexidade da vida emocional e utilizamos o conceito de ‘comunidades emocionais’, entendidas como espaços sociais em que as pessoas vivem e convivem. Nessas comunidades revelam-se ‘sistemas de sentimento’: o que essas comunidades expressam como valioso ou prejudicial a elas; como avaliam as emoções dos outros; a natureza dos vínculos afetivos entre as pessoas; e os modos de expressão emocional que buscam incentivar, tolerar ou refutar. Trata-se de comunidades, no plural, pois os indivíduos circulam e participam de diferentes espaços sociais. Deve-se considerar que nesse movimento as pessoas necessitam ‘ajustar’ suas manifestações emocionais para ambientes diferentes. Limitaremos nosso trabalho à observação das emoções e dos gestos emocionais revelados na articulação da condição feminina de Isabel ao modelo masculino de rei, destacando como tópicos o amor e a autoridade. Focando esses dois tópicos, destacaremos as emoções reveladas na *Crónica de los Reyes Católicos*

de Fernando del Pulgar¹, e os ajustes das manifestações emocionais de Isabel em diferentes espaços sociais. Salientaremos que as emoções e modos de expressão emocional foram utilizados não só como formas de expressar sentimentos, mas, sobretudo, como recursos usados para radicalizar uma imagem ideal da Rainha dentro de comunidades emocionais específicas, composta por reis, nobreza e letrados, ou seja, o público ao qual foram dirigidos os escritos da época. Não faremos um estudo da história de cada conceito emocional encontrado nas fontes do período, mas sim, observaremos como foram utilizados nos escritos para a composição da imagem da Rainha Católica.

Emoções e política

A história das emoções é um campo novo, embora alguns historiadores já tenham indicado, há muitas décadas, a necessidade da abordagem das emoções nos estudos sobre o passado. Alguns historiadores encontram em Lucien Febvre, um precursor dessa abordagem, mas nem todos concordam com essa ideia. O ponto de partida seria o famoso artigo de Febvre (1941, p. 5-20), *La sensibilité et l'histoire: comment reconstituer la vie affective d'autrefois?*. Naquele momento, Febvre revelava que para compreender as ideias e as instituições era necessário ao historiador se interessar pelas emoções. Mas, como alerta Barbara Rosenwein (2002, p. 1), as emoções para Febvre estavam separadas da cultura que criara; para Febvre, “[...] as emoções não eram parte da vida civilizada”.

Ao contrário de muitos historiadores que exaltam o visionismo de Febvre, Rosenwein considera que o historiador francês estava apenas seguindo outros e levava seus seguidores para um caminho equivocado. Para explicar,

Rosenwein compara as ideias de Febvre com as de seu contemporâneo holandês Johan Huizinga. Em *O Declínio da Idade Média*, publicado em 1919 em holandês, Huizinga falou da natureza infantil da vida emocional medieval (ROSENWEIN, 2006, p. 5-6). No primeiro capítulo da referida obra anunciou o tema:

Para o mundo, quando era quinhentos anos mais novo, os contornos de todas as coisas pareciam mais nitidamente traçados do que nos nossos dias. O contraste entre o sofrimento e a alegria, entre a adversidade e a felicidade, aparecia mais forte. Todas as experiências tinham ainda para os homens o caráter direto e absoluto do prazer e da dor na vida infantil. [...] Então também todas as coisas na vida tinham uma orgulhosa ou cruel publicidade. Tudo o que se apresentava ao espírito em contrastes violentos e em formas impressionantes, emprestava à vida quotidiana um tom de excitação e tendia a produzir essa perpétua oscilação entre o desespero e a alegria descuidosa, entre a crueldade e a ternura, que caracterizam a vida da Idade Média (HUIZINGA, 1999, p. 9).

Segundo Rosenwein, quando Febvre contestou a obra de Huizinga ele não o fez por se opor à ideia de uma Idade Média ‘infantil’, mas naquilo que se referia à necessária demonstração de que as emoções são sempre violentas e extravagantes. Dessa forma, o artigo de Febvre acabou contribuindo para legitimar uma Idade Média emocionalmente infantil, ideia amplamente aceita pelos historiadores que se seguiram. Rosenwein (2002, 2006) aponta também as influências que os historiadores dos Annales e Norbert Elias exerceram sobre as abordagens das emoções. A escola dos Annales, reagindo às abordagens positivistas que consideravam apenas os grandes feitos e os grandes homens, procurou colocar seu foco no povo, mas, ao separar as ideias das emoções, acabou apresentando essas massas como “[...] escravos passivos de suas próprias estruturas

1 Ao adotar o sistema autor/data nas referências, ressaltamos que as fontes históricas analisadas foram escritas nos séculos XV e XVI e publicadas no século XX.

mentais” (ROSENWEIN, 2002, p. 3). Lembra a historiadora que Marc Bloch, em *A sociedade feudal*, apresentava: “[...] de uma civilização onde o código moral ou mundano não impunha ainda às pessoas bem educadas que reprimissem as lágrimas e os seus ‘desmaios’” (BLOCH, 1982, p. 100). A obra de Norbert Elias (1993, 1994), por sua vez, exerceu uma forte influência na década de 1970, quando foi republicada e traduzida para o inglês e para o francês. Elias em *O processo civilizador*, pintou um quadro onde a violência e os hábitos guerreiros passaram por um processo de contenção, de pacificação, de renúncia, a partir da psicologia e do ambiente cortês. Contudo, para Elias, apenas na corte do Estado moderno é que se generalizaria o novo comportamento, e o reinado dos guerreiros estaria completamente vencido.

Ora, o que Barbara Rosenwein nos quer mostrar é que se construiu uma grande narrativa das emoções que apresenta uma história de crescente contenção e renúncia. Nesse processo, a Idade Média representa a vida emocional infantil: pública, inocente, violenta, incontida. A modernidade, e nela o Estado, traria a contenção, a pacificação, a repressão.

Uma mudança de perspectiva fundamental aconteceu a partir dos anos de 1980, com a vigorosa renovação da História Política, impulsuada pelo contato com as outras ciências sociais e pelas trocas com as demais disciplinas. A renovação da História Política favoreceu a consideração do papel dos sentimentos e dos afetos na vida política. Christophe Prochasson (2005, p. 309), observa que em meados da década de 1990, a História Política levou em conta uma importante dimensão da vida política, ao considerar que “[...] as normas próprias do mundo político, findam por condicionar toda uma forma de agir, que toma lugar nas estratégias de representação, que se fundamentam na manipulação de objetos simbólicos”. Para esse historiador,

[...] a política se faz com um conjunto de signos que conclamam os reflexos identitários, não

passando somente pelo reconhecimento das opiniões demandadas, ou só pelo teor ideológico do discurso. A adesão mobiliza todo um conjunto de processos complexos, que jamais se esgotam na cognição, mesmo em se tratando dos mais racionais dos interesses. É esta parte emocional, que preside a constituição do vínculo político, que convém abordar numa perspectiva histórica (PROCHASSON, 2005, p. 309).

Contudo, como bem observa Christophe Prochasson, antes de aplicar a noção de emoção no estudo da política, é necessário esclarecer o que se entende pelo termo. De acordo com a definição do historiador:

Emoção encontra seu equivalente no velho sentido da palavra paixão, que designa o conjunto de movimentos afetivos, mais ou menos estáveis, engendrados pelo choque de um estado individual com a análise de uma situação. Isto implica em duas consequências importantes: as emoções não resultam de um encaminhamento puramente individual, mas se inscrevem em uma perspectiva social e cultural; elas não se opõem à cognição (PROCHASSON, 2005, p. 312).

Logo, ao se estudar as emoções, não se busca ‘tomar o homem a nu’. O que Prochasson destaca é a existência de meios para a apreensão e o estudo dos registros da expressão das emoções e daí a que o historiador chama de “[...] práticas emocionais, que visam a desencadear os usos das emoções” (PROCHASSON, 2005, p. 312).

No mesmo sentido, ao se referir aos estudos sobre a Idade Média, Barbara Rosenwein, aponta para a necessidade de ampliar o repertório de análise e acrescentar às palavras os gestos emocionais. Esses gestos aparecem em diversos tipos de fontes como testamentos, crônicas, cartas, poemas, bestiários, documentos legais, e são indispensáveis para a compreensão do lugar das emoções na História Política e Social. Barbara Rosenwein (2006), reconhecendo a complexidade da vida emocional, propõe uma abordagem das ‘comunidades emocionais’. Essas comunidades são os espaços sociais em que as pessoas vivem

como as famílias, bairros, guildas, mosteiros, corte, entre outras. Os historiadores devem buscar nessas comunidades, de acordo com Rosenwein, descobrir os ‘sistemas de sentimento’: o que essas comunidades expressam como valioso ou prejudicial a elas; como avaliam as emoções dos outros; a natureza dos vínculos afetivos entre as pessoas; e os modos de expressão emocional que buscam incentivar, tolerar ou refutar. Fica claro que a historiadora norte americana não pensa em uma ‘comunidade emocional’, mas em comunidades plurais, destacando-se que os indivíduos circulam e participam de diferentes comunidades. Deve-se considerar que nesse movimento, as pessoas necessitam “ajustar” suas manifestações emocionais para ambientes diferentes. Não se pode ignorar os valores contraditórios dentro das sociedades, além da pluralidade das comunidades emocionais medievais. É essa abordagem que a presente pesquisa propõe para o estudo das emoções na construção da imagem de Isabel a Católica, limitando-se à observação das emoções e dos gestos emocionais revelados na articulação da condição feminina de Isabel ao modelo masculino de rei, destacando como tópicos o amor e a autoridade.

Fernando del Pulgar e a construção da imagem de Isabel a Católica

Fernando del Pulgar foi um dos mais importantes cronistas do reinado dos Reis Católicos. Criado na corte de Juan II (1406-1454), serviu ao rei Enrique IV (1454-1474), antes de ocupar o lugar de cronista oficial do reino castelhano no período de Isabel a Católica (1474-1504). Desde o início do reinado dos Reis Católicos, Pulgar gozou de grande confiança por

parte dos monarcas; foi secretário e conselheiro da Rainha e encarregado de missões diplomáticas na França e na Inglaterra. Residiu na corte e acompanhou Isabel em numerosas viagens por todo o reino, sendo testemunha direta de vários acontecimentos. Em 1482, a Rainha pediu-lhe que escrevesse a história do seu reinado. A escolha de Pulgar para tal encargo revelava o prestígio e a confiança que gozava junto à Rainha, já que a obra do cronista real deveria refletir as ideias e as intenções do monarca a quem servia.

A crônica histórica dos séculos XV e XVI é um texto narrativo, construído a partir da retomada de modelos antigos e de pressupostos de uma tradição literária cristã. Escrita com a intenção de verdade, tinha o objetivo de perpetuar a memória de um reinado, legitimar seus promotores e oferecer exemplos para a sociedade política (GUIMARÃES, 2012, p. 70). No início de sua crônica, Pulgar demonstra com clareza sua concepção de história:

E porque a história é luz da verdade, testemunho do tempo, mestra e exemplo da vida, reveladora das antigüedades, contaremos, mediante a vontade de Deus, a verdade das coisas; nas quais verão, os que esta história lerem, a utilidade que traz aos presentes saber os feitos passados, que nos demostraram no discurso desta vida o que devemos saber para seguir, e o que devemos evitar para abominar (PULGAR, 1943, v. 1, p. 1, tradução nossa)².

Pulgar estava a serviço da realeza e registrou a história do reinado no melhor estilo humanista, sem romper com as tradições escolásticas, mas retomando modelos já existentes e utilizando uma nova metodologia orientada para os autores da antigüidade e concentrada na retórica, nos valores estéticos do texto e em objetivos éticos. (MIETHKE, 1993,

2 Y porque la historia es luz de la verdad, testigo del tiempo, maestra y ejemplo de la vida, mostradora de las antigüedades, rrecontaremos, mediante la voluntad de Dios, la verdad de las cosas; en las cuales verán los que esta historia leyeron la utilidad que trae a los presentes saber los hechos pasados, que nos demostraron en el discurso desta vida lo que deuemos saber para seguirlo, e lo que devemos huir para lo aborrescer.

p. 198) Em uma carta dirigida ao Conde de Cabra, afirma o cronista:

Eu, mui nobre e magnífico senhor, naquilo que escrevo não adoto a forma destas crônicas que lemos dos reis de Castela; mas trabalho quanto posso por arremediar, se puder, a Tito Livio e a outros historiadores antigos, que embelezam muito suas crônicas com os raciocínios que nelas lemos, envoltos em muita filosofia e boa doutrina (PULGAR, 1943, v. I, p. LXV, tradução nossa)³.

Ao tomar como modelo Tito Lívio, o cronista busca enriquecer sua obra com comentários, argumentações e discursos. Assim como os teóricos humanistas, Pulgar atribui um papel proeminente às virtudes na vida política e sustenta que a busca da virtude é a única via adequada para a honra. Dessa forma, mobiliza elementos simbólicos e afetivos na construção de uma imagem ideal e exemplar da Rainha Católica.

Pulgar tinha como alvo, ao escrever a história do reinado dos Reis Católicos, os letrados, os homens da corte e sobretudo a nobreza castelhana. É para esses homens que a imagem de Isabel deveria ser exemplar. E mais, eram esses os homens capazes de decifrar e interpretar as emoções e os gestos emocionais inscritos na imagem da Rainha construída pelo cronista. Esses homens compartilhavam os mesmos ‘sistemas de sentimento’, eles mobilizam os mesmos mecanismos para avaliar as emoções e discernir aquelas que eram aceitas, toleradas ou refutadas em suas comunidades; eles identificavam a natureza dos vínculos afetivos entre as pessoas, entre outras coisas. Para eles, Fernando del Pulgar apresentou um retrato da Rainha no qual sobressai uma imagem equilibrada, proporcionada, contida e alegre:

Esta Rainha era de estatura mediana, bem composta em sua pessoa e na proporção de seus membros, muito branca e loira; os olhos entre verdes e azuis, o olhar gracioso e honesto, as partes do rosto bem postas, o rosto muito bonito e alegre. Era equilibrada na continência e movimentos de sua pessoa, não bebia vinho [...] (PULGAR, 1943, v. I, p. 76, tradução nossa)⁴.

Esse é apenas o primeiro retrato da Rainha que Pulgar apresenta no início da sua crônica. A imagem de Isabel construída pelo cronista é mais complexa, composta de emoções e gestos emocionais diluídos na narrativa de episódios ocorridos durante seu reinado, muitas vezes incrementados por comentários e discursos que o cronista atribui à Rainha ou a outros personagens da nobreza do período. Uma imagem constituída por gestos emocionais manifestados, bem como pela contenção e dissimulação de outros. Neste artigo, limitaremos nossa abordagem às emoções e aos gestos emocionais mais destacados pelo cronista para realçar a imagem da rainha Isabel: o amor e o ímpeto.

Feminilidade e virilidade na imagem de Isabel a Católica

Nas sociedades medievais, de acordo com Jose Manuel Nieto Soria (1988, p. 36), por um lado, existia uma imagem da realeza que proporcionava uma ideia genérica que os súditos possuíam dos reis que conheciam, e que também fornecia elementos capazes de guiar a atuação dos próprios reis; por outro lado, as atitudes e representações de determinado rei atuavam como elementos individualizadores da sua imagem. Centrando nossa atenção na figura de Isabel, podemos acompanhar, na construção da

³ Yo, muy noble e magnífico señor, en esto que escribo no llevo la forma destas corónicas que leemos de los reyes de Castilla; mas trabajo cuanto puedo por remediar, si pudiere, al Tito Livio e a los otros historiadores antiguos, que hermosean mucho sus corónicas con los razonamientos que en ella leemos, enbueltos en mucha filosofia e buena doctrina.

⁴ Esta Reyna era de comunal estatura, bien compuesta en su persona e en la proporción de sus miembros, muy blanca y rruvia; los ojos entre verdes e azules, el mirar gracioso e honesto, las faciones del rostro bien puestas, la car muy fermosa e alegre. Era mesurada en la continencia e movimientos de su persona, no bebia vino [...].

sua imagem, a articulação do genérico com o individual. Nesse caso, a articulação da condição de mulher com a característica viril da função real funcionava como um elemento individualizador da sua imagem. A sociedade ibérica nos tempos de Isabel era uma sociedade dominada pelo patriarcado, que reservava o espaço público para a atuação dos homens, como destaca Segura Graíño (2002, p. 184, tradução nossa):

A sociedade da época de Isabel estava dominada pelo patriarcado, que estabelecia uma divisão dos espaços para as atuações dos integrantes dos dois gêneros, masculino e feminino. Os espaços públicos eram para os homens, e nele se criava o pensamento, laico ou religioso, se fazia a política, se exercia o poder e se organizava o desenvolvimento econômico e social. Os espaços públicos estavam vedados para as mulheres honradas; não obstante, em circunstâncias especiais se aceitavam as exceções, como era o caso de Isabel a Católica⁵.

E a historiadora, prossegue fazendo a seguinte observação sobre a atuação de Isabel no espaço público:

Mas a irrupção no público implicava a perda da honra e, portanto, da feminilidade. Frei Martín de Córdoba sempre elogiava a Rainha precisamente porque ela soube exercer sua missão como governanta sem perder um pingo de suas qualidades femininas⁶.

Contudo, deve-se observar que, ao elogiar Isabel por manter a honra no exercício do governo, Frei Martín de Córdoba reafirmava que o espaço público da atuação política era

lugar reservado aos homens, e ressaltava a ideia de que a condição da Rainha era excepcional. Mais do que a manutenção das qualidades femininas, o que os homens da época de Isabel buscavam mobilizar na construção de sua imagem eram, por um lado, os aspectos viris e, por outro, a superação das debilidades/fragilidades femininas para a atuação no espaço público.

É certo que os escritos medievais reservavam às mulheres um papel bem definido e limitado segundo o qual elas deviam dedicar-se à casa e aos filhos. Contudo, sem romper definitivamente com essa ideia, a literatura castelhana do final da Idade Média indica uma ampliação dos espaços de atuação da mulher e das suas formas de representação. É o que assinalou Arturo Firpo em um artigo da década de 1980:

À docilidade e ao caráter decorativo da imagem feminina na crônica do pleno medievo sucede uma evidente imagem de bravura, de virilidade, de violência, encarnada em destinos individuais de mulheres que cumprem um papel protagônico na política e na guerra, e que coexiste com fortes tendências idealizadoras (FIRPO, 1986, p. 344, tradução nossa)⁷.

É nessa perspectiva indicada por Arturo Firpo que se revelam as representações literárias de Isabel a Católica. Sua imagem manifesta a mulher viril, atuante no espaço público, sobretudo nas guerras e nos caminhos. Nestes dois cenários específicos, tradicionalmente reservados aos atores masculinos, se revelam

⁵ La sociedad de la época de Isabel estaba dominada por el patriarcado, que establecía una división de los espacios para las actuaciones de los integrantes de los dos géneros, masculino y femenino. Los espacios públicos eran para los hombres, y en ello se creaba el pensamiento, laico o religioso, se hacía la política, se ejercía el poder y se organizaba el desarrollo económico y social. Los espacios públicos estaban vedados para las mujeres honradas; no obstante, en circunstancias especiales se aceptaban las excepciones, como era el caso de Isabel la Católica.

⁶ Pero la irrupción en lo público conllevaba la perdida de la honra y, por tanto, de la femineidad. Fray Martín de Córdoba siempre alababa a la Reina precisamente porque supo ejercer su misión como gobernanta sin perder un ápice de sus cualidades mujeriles.

⁷ A la docilidad y al carácter decorativo de la imagen feminina en la crónica del pleno medievo sucede una evidente imagen de bravura, de virilidad, de violencia, encarnada en destinos individuales de mujeres que cumplen un rol protagónico en la política y en la guerra, y que coexiste con fuertes tendencias idealizadoras.

com maior clareza os meios utilizados pelos escritores da época para a adaptação da figura feminina à condição de monarca, geralmente masculina.

A articulação da condição feminina ao modelo masculino de rei exigia a matização das emoções e dos gestos emocionais considerados tipicamente femininos e a valorização daqueles considerados tipicamente masculinos na imagem da Rainha, ajustando as manifestações emocionais de Isabel em diferentes espaços sociais. Nesse sentido, os escritores do período salientam na Rainha os gestos emocionais pertinentes à sua figura política, atuante no espaço público, minimizando as referências às emoções manifestadas no âmbito privado, como a dor e o sofrimento. É o que faz Fernando del Pulgar ao escrever que a Rainha:

Mantinha tanto a continência do rosto, que mesmo nos tempos de seus partos encobria seu sentimento e esforçava-se para não mostrar nem dizer o sofrimento que naquela hora sentem e mostram as mulhes (PULGAR, 1943, v. 1, p. 78, tradução nossa)⁸.

O cronista busca construir um retrato da Rainha sem expressão de sentimentos, pois não são apenas as emoções de caráter mais privado – ou aquelas atribuídas geralmente às mulheres – que, segundo o cronista, a Rainha dissimulava. Em comunidades emocionais como as cortes, a guerra e os caminhos, outra emoção aparece dissimulada: a ira. Destacava Fernando del Pulgar (PULGAR, 1943, v. I, p. 77, tradução nossa):

Era mulher de grande coração, escondia a ira e a dissimulava; e por saberem disso, tanto os grandes senhores do reino como todos os outros em geral a temiam muito, e evitavam cair em sua indignação⁹.

⁸ Guardaba tanto la continencia del rostro, que aun en los tiempos de sus partos encubría su sentimiento e forzabase a no mostrar ni decir la pena que en aquella hora sienten e muestran las mugeres.

⁹ Era muger de gran coraón, encubría la yra e disimulauala; e por ésto que della se conocía, así los grandes señores del rreyno como todos los otros en general la temían mucho, e guardauan de caer en su indignación.

Outro cronista, Alonso de Palencia, tece elogios à Rainha enfatizando que ela era “*diestra en el disimulo y el fingimiento*”. Evidencia-se, assim, que a dissimulação das emoções era um elemento importante no jogo político do período, revelando-se, na imagem construída pelos cronistas, como uma estratégia utilizada pela Rainha na mediação dos conflitos inerentes às relações internobiliárias e no ordenamento político e social do reino. Contudo, a imagem de Isabel, construída por seus contemporâneos, é composta também de gestos emocionais aceitos, dentre os quais, focaremos os mais destacados pelos escritores para realçar o amor e a autoridade na imagem da Rainha.

Do amor de Isabel a Católica

O amor foi um elemento importante na caracterização de Isabel a Católica. Uma leitura atenta das crônicas do período permite destacar a importância do tema, indicada na insistência dos escritores em enfatizar esse aspecto como virtude marcante da Rainha no governo do reino. O amor que os cronistas exaltam é o da mulher, da esposa, da mãe, mas que ultrapassa os contornos domésticos do desejo da amante e da feição materna e projeta-se na esfera política, onde adquire sentido jurídico. Trata-se de um sentimento que conduz a Rainha, permeando e sustentando suas ações políticas. É um amor exemplar, que procura adesão espontânea e como tal deve ser seguido na busca de um objetivo comum, o bem do reino.

A literatura do período permite constatar que a ideia de uma predisposição da mulher para o amor contribuiu para a adaptação da feminilidade de Isabel ao modelo masculino de rei, constituindo um dos elementos individualizadores da imagem da Rainha. Presos

aos cânones idealizadores da existência feminina, os contemporâneos de Isabel fundamentaram a exaltação da sua figura no amor e nos valores domésticos. Para a feminilização da função régia, os cronistas reportaram-se claramente a dois dos tradicionais papéis que definiam a mulher do período: esposa e mãe. Esses papéis projetavam-se na imagem da rainha ideal e, dessa forma, muitas vezes, o sucesso do reinado foi apresentado como fruto da união entre Isabel e Fernando, e a base dessa união era o amor que a Rainha dedicava ao Rei. É o que as palavras de Fernando del Pulgar ilustram:

Por certo foi coisa maravilhosa e de grande doutrina e exemplo; porque o senhorio raras vezes consente companhia sem que haja divisão e discordia. Porque tão grande era o amor que esta Rainha demonstrou ao Rei seu marido, com tanta prudência governava as coisas que pertenciam à sua honra, que pareceu provisão divina, para que fossem bem providos tantos reinos e tão extensos senhorios como tinham (PULGAR, 1943, v. II, p. 74, tradução nossa)¹⁰.

A imagem de uma união fundada no amor é recorrente nas crônicas do período¹¹, mas é em Fernando del Pulgar que encontramos sua melhor expressão. Essa imagem está diretamente vinculada à necessidade de legitimação do poder do rei de Aragão em Castela e deve ser entendida no contexto político castelhano do período. Isabel ascendeu ao trono castelhano, em 1474, sucedendo a seu irmão,

Enrique IV, que morreu deixando apenas uma herdeira, Juana, acusada de ser filha ilegítima do rei por seus opositores. Castela era o único reino ibérico que permitia a sucessão feminina na ausência de herdeiros do sexo masculino, o que garantiu os direitos de Isabel frente às reivindicações ao trono do seu marido, o príncipe de Aragão. Após um embate inicial, definiu-se que, juridicamente, o trono pertencia a Isabel, mas ficou garantida a participação efetiva do príncipe de Aragão em Castela, como marido da Rainha. Juntos, Isabel e Fernando estabeleceram naquele reino o que foi chamado posteriormente de uma diarquia, consolidada pelo trabalho conjunto dos monarcas. Era fundamental, naquele momento, a propagação de uma imagem de sólida união entre ambos, capaz de legitimar a atuação política do rei de Aragão em Castela. Atento a essa conjuntura política, Fernando del Pulgar procurou apresentar os Reis lado a lado nos diversos espaços e atividades no reino e, quando impossível, apelava para a fórmula: “uma só vontade morando em dois corpos”:

Porque muitas vezes era necessária a presença de um em algumas partes e a do outro em outras partes, para prover nelas o que ocorria e era necessário; o qual se fazia de tal maneira, que ainda que a necessidade mantinha separadas as pessoas, o amor mantinha juntas as vontades (PULGAR, 1943, v. II, p. 74, tradução nossa)¹².

¹⁰ Cosa fué por cierto maravillosa e de gran doctrina e exemplo; porque el señorío rraras veces consyente compañía sin que aya diusión e discordia. Porque tan grande era el amor que esta Reyna mostró al Rey su marido, con tanta prudencia gouernaua las cosas que perteneçán a su honra, que pareció prouisión diuina, para que fuesen bien proueydos tantos reynos y tan estendidos señoríos como tenían.

¹¹ Além de Pulgar, outros escritores da época apresentaram o sucesso do reinado como fruto da união entre os reis, enfatizando o amor que a rainha dedicava ao marido, como esposa ideal. Nas palavras de Andrés Bernaldez o matrimônio confunde-se com o reinar: “amiga de su casa, reparadora de sus criados, criadas y doncellas, muy concertada en sus fechos, celosa de su casa; dió de si muy gran ejemplo de buena casada, que durante el tiempo de su matrimonio é reynar, nunca ovo en su corte otros privados en quen pusiese el amor sino ella del Rey, y el Rey dela”. (BERNALDEZ, 1953, p.722). No mesmo sentido, Alonso de Santa Cruz, na Crónica de los Reyes Católicos dirigida ao Imperador Carlos V, “como cosa propia y combiniente”, afirmava “De manera que parece averlos criado Dios juntos para que viviesen juntos y gobernaseen juntos, como en las cartas y privilegios. Y aunque en dos cuerpos, en voluntad y amor uno solo” (SANTA CRUZ, 1951, p. 305).

¹² Porque muchas veces era necesaria la presencia del vno en vnas partes e la del otro en otras, para proueir en ellas lo que ocurría e era necesario; lo qual se hazía de tal manera, que avnque la neçesidad tenía apartadas las personas, el amor tenía juntas las voluntades.

No âmbito político, a divulgação do amor que fundamentava a união entre os monarcas tinha uma função de exemplaridade. Nas crônicas do período, no Testamento da Rainha (TESTAMENTO, 1956) e em cartas públicas dirigidas ao reino, a afeição de Isabel e sua dedicação ao marido eram exaltadas como virtudes e estimulavam que o mesmo sentimento fosse exigido nas relações entre os súditos, sobretudo os nobres. Da mesma forma, o amor maternal foi utilizado pelo cronistas para explicar a postura de Isabel diante de seus súditos.

O amor como emoção da esposa e da mãe ultrapassava os limites domésticos e manifestava-se no governo do reino, adquirindo sentido político. A representação do rei como ‘pai do reino’, ‘pai da terra’ ou ‘pai do povo’, presente na literatura política da época, facilitava a valorização do amor na figura de Isabel como mãe do reino. Essa representação aparece, por exemplo, nas palavras de García de Castrojeriz e Diego de Valera. O primeiro escreve:

[...] que o rei deve ser muito piedoso, se explica por muitas razões. Primero, porque é pai da terra; segundo, porque é tutor do povo como de órfãos; terceiro, porque é como o físico, que deve cuidar dos doentes (GARCÍA DE CASTROJERIZ, 1947-1948, Livro III, II, p. 240, tradução nossa)¹³.

O segundo afirma:

Atente, pois, Vossa Alteza, que entre os magníficos títulos com os quais os reis são nomeados, são chamados pais da terra: isso porque conheceis o poder a vós dado, e daquele sabeis bem usar, parecendo aos bons pais, os quais a seus filhos amados às vezes castigam com

palavra, às vezes com açoite, e muito tarde acontece de matá-los; salvo constragidos por extrema necessidade (VALERA, 1959, p. 4, tradução nossa)¹⁴.

Configurava-se, assim, uma relação de proximidade e afetuosidade entre o rei e seus vassalos e as relações de afeto que se estabeleciam contribuiam, entre outras coisas, para que a justiça fosse entendida como uma manifestação do amor do rei ao reino, e mesmo uma forma segura para a preservação do reino e para o alcance do bem comum, como revelam as palavras de Diego de Valera acima citadas.

Assim, o amor e a honra obrigatórios na relação rei-súditos, destacavam-se primeiramente nas relações rei/rainha – marido/mulher – e rainha/príncipe/infantas – mãe/filhos – e estas se projetavam como exemplo para o resto do reino. Valendo-se da caracterização de Isabel como protótipo de esposa e mãe, predisposta a amar os filhos e o marido intensamente, os cronistas alcançam a imagem ideal de rainha. Além disso, a metáfora orgânica da realeza contribuía para a valorização do amor entre reis e súditos. É o que se pode observar no texto das Cortes de Santiago e La Coruña de 1520 (CORTES, 1861-1882, p. 293, tradução nossa): “Porque os Reinos e Reis representam uma só pessoa, o Reino o corpo, o Rei a cabeça dele, hão de amar aos Reinos os Reis como a si mesmos”¹⁵.

Na mesma perspectiva, era dever dos súditos, entre outras coisas, amar seu rei. É o que se observa no texto das Cortes de Valladolid de 1440 (CORTES, 1861-1882, p. 369, tradução

¹³ [...] que el rey debe ser muy piadoso, paresce por muchas razones. Lo primero, porque es padre de la tierra, lo segundo porque es tutor del pueblo así como de huérfanos, lo tercero, porque es así como físico, que deve guarecer los enfermos.

¹⁴ Remiembre, pues, Vuestra Alteza, que entre los magníficos titulos porque los reyes son nombrados, sois llamados padres de la tierra: esto porque conozcáis el poder a vos dados, e de aquél sepáis bien usar, pareciendo a los buenos padres, los cuales a sus hijos amados a veces castigan con palabra, a veces con açoite, e muy tarde contece matarlos; salvo constreñidos por extrema necesidad.

¹⁵ Porque los Reynos e Reyes representan una solo persona, el Reyno, el cuerpo, el Rey, la cabeza dél, han de amar a los Reynos los Reyes como a sy mismos [...]

nossa):

Assim com toda reverência, fidelidade, sujeição, obediência e lealdade os vassalos, súditos e naturais devem ser mantidos e obrigados a servir, temer, amar, honrar, obedecer e guardar a seu rei e senhor natural, como aquele que ocupa o lugar de Deus na terra e é posto como cabeça e senhor deles¹⁶.

O amor, que podia se manifestar tanto na esfera privada como na pública, era uma categoria pertinente à dinâmica política e organizava teoricamente a sociedade na Baixa Idade Média castelhana. De acordo com Letícia dos Santos Ferreira (2010, p. 23), o “[...] amor era tido como uma emoção organizadora segundo uma lógica ditada pela divindade, capaz de instaurar as relações que todos consideravam ser as mais sólidas e duradouras, sendo por isso tido como imprescindível”.

Nas sociedades castelhanas dos séculos XV e XVI, caracterizadas pela competição e pela concorrência, onde a violência era um mecanismo mobilizado para a ascenção social, os laços de amor e amizade eram entendidos como elementos organizativos que favoreciam o ordenamento social e político. Deve-se considerar que nessas sociedades, como demonstrou Claude Gauvard (2002, p. 611), a violência era um dos móveis essenciais porque fundava a reputação do indivíduo e, consequentemente, prenunciava o seu reconhecimento. A violência, portanto, não estava ligada a um estado moral condenado em si; era o meio de provar a perfeição de uma identidade. (GAUVARD, 2002, p. 611) E, de acordo com Gauvard (2002, p. 608), ao final da Idade Média, “[...] quando as coações estatais impõem um ideal de paz, são ainda aquelas formas de violência que se tornam privilégios da

nobreza ocidental e contribuem para defini-la”.

Nos reinos ibéricos, nos séculos XV e XVI, a violência era ainda a forma usada pela nobreza para construir ou manter a sua reputação e garantir seus privilégios. Como observa María Concepción Quintanilla Raso (2010, p. 61)¹⁷, durante o período dos Reis Católicos, os nobres castelhanos participaram de um processo de busca de identidade como elite de poder no projeto político da monarquia – no âmbito de uma política institucionalizada – e as redes internobiliarias se projetaram e se consolidaram – no âmbito de uma política informal. Em ambos os processos, a mediação ficou a cargo de Fernando e Isabel e, nessa mediação, a imagem do amor exemplar dos Reis, que tinha por objetivo promover o bem comum, foi elemento fundamental.

Em conclusão, podemos afirmar que o amor não era um antídoto à violência, já que essa era consubstancial ao sistema de relações internobiliárias e, consequentemente, às relações entre nobreza e monarquia. Na economia dos afetos que organizava a vida social, o amor era entendido como um instrumento estabilizador, mobilizado pelos reis tanto no processo de mediação de conflitos e de disputas, como no de ascenção social e política.

Do ímpeto para a afirmação da autoridade

No que se refere aos gestos emocionais vinculados à afirmação da autoridade régia chama-nos a atenção o ímpeto da Rainha. Em várias ocasiões, o movimento repentino e enérgico de Isabel acrescenta determinação e reforça a autoridade na imagem da Rainha. São muitas as passagens nas crônicas do período,

¹⁶ Así como con toda reverencia, fidelidad, subjección, obediencia e lealtad los vasallos, subditos e naturales devén ser tenudos e obligados servir, temer, amar, onrrar, obedescer e guardar a su rrey e senyor natural, así como aquel que tiene logar de Dios en la tierra e es puesto como cabeza e senyor dellos.

¹⁷ Sobre os conflitos nobiliárquicos durante o período dos Reis Católicos ver Quintanilla Raso (2007).

especialmente naquela de Fernando del Pulgar. Os caminhos oferecem a oportunidade de manifestação do ímpeto de Isabel como forma superação da condição feminina, sobretudo quando a rainha cavalgava. Nas descrições de Fernando del Pulgar, quando Isabel cavalgava, os caminhos se apresentavam mais tortuosos, mais longos; o cenário se fazia com obstáculos, chuvas, ventos e o escuro da noite. Narra o cronista um episódio em que a Rainha estava em Valladolid quando soube que o alcaide das torres de Leão, Afonso de Blanca, tratava com os portugueses que naquele momento estavam em guerra com os castelhanos:

Como a Rainha disso foi certificada, logo na mesma hora cavalgou, com duas donas que levou em sua companhia e poucas de suas donzelas, e com alguns de seus oficiais de sua casa que puderam ir com ela ... e superados todos os empachos que impedem os caminhos às mulheres, especialmente às grandes rainhas, andou catorze léguas sem descavalgar; e no outro dia amanheceu em Leão (PULGAR, 1943, v. I, p. 152, tradução nossa)¹⁸.

Esse episódio se inscreve na narrativa sobre os primeiros anos do reinado, quando a legitimidade do poder de Isabel era questionado por parte da nobreza castelhana aliada a Afonso V, rei de Portugal. Em dezembro de 1474, alguns dias após a morte de Enrique IV e a proclamação de Isabel como rainha de Castela, Afonso V incitava os nobres castelhanos a reconhecer sua sobrinha, Juana – filha do rei morto –, como legítima herdeira do trono castelhano, e

¹⁸ Como la Reyna fué désto certificada, luego a la ora cavalgó, con dos dueñas que llevó en su compañía y pocas de sus doncellas, e con algunos de sus oficiales de su casa que podieran yr con ella ... e pospuestos todos los empachos que ynpiden los caminos a las mugeres, espeícialmente a las grandes reynas, andovo catorze leguas sin descaualgar; e otro día maneció en León.

¹⁹ La sangre como buena maestra va naturalmente a remediar las partes del cuerpo que reciben alguna pasión; pues que oyamos cada dia el Rei mi señor e yo la guerra que los portogueses como contrarios e los castellanos como tiranos dacen em aquellas partidas a nuestros súbditos, y no los proveamos como devemos, no sería provisión de rey, mas seria ynhumanidad de tirano.

²⁰ La analogía orgánica era [...] uno de los recursos retóricos, literarios y filosóficos preferidos. Expresaba la relación existente entre los miembros (*membra*) como la de unas partes que tienen funciones distintas dentro de una sola unidad, y al mismo tiempo sugerían que una sociedad era una estructura con un interés común, y quizás un motivo, un objeto y una voluntad comunes.

preparava suas forças para invadir o reino vizinho. Em abril de 1475, o rei português casou-se com Juana e, ao lado da parcela da aristocracia castelhana opositora à Isabel, deu início a uma guerra que durou quatro anos. Nesse contexto, Isabel realizou várias viagens para pacificar o reino e defender a sua herança. Em um dos episódios dessa guerra narrado por Fernando del Pulgar, Isabel teria pronunciado um discurso no qual afirmara:

O sangue como bom mestre vai naturalmente remediar as partes do corpo que recebem alguma paixão; pois que ouvimos todo dia, o Rei meu senhor e eu, a guerra que os portugueses como contrários e os castelhanos como tiranos fazem naquelas partes a nossos súditos, e não os provemos como devemos, isso não seria provisão de rei, mas seria inumanidade de tirano (PULGAR, 1943, v. I, p. 76, tradução nossa)¹⁹.

No discurso atribuído à Rainha, o cronista utiliza a metáfora orgânica, um recurso recorrente no período. Segundo Antony Black (2003, p. 21-22, tradução nossa),

A analogia orgânica era [...] um dos recursos retóricos, literários e filosóficos preferidos. Expressava a relação existente entre os membros (*membra*) como a de partes que tem funções distintas dentro de uma só unidade, e ao mesmo tempo sugeriam que uma sociedade era uma estrutura com um interesse comum, e quizás um motivo, um objeto e uma vontade comuns²⁰.

Ao propor uma estrutura orgânica de funcionamento, Pulgar apresentava uma imagem da monarquia e definia um lugar concreto para o

rainha dentro da globalidade do reino, entendido como um corpo humano. No discurso atribuído à Isabel, a atuação do rei no reino é comparada à ação do sangue no corpo. O rei, como o sangue, deveria transitar pelo corpo do reino, aplicando a justiça, promovendo a paz, impondo seu poder. Nesse caso, a metáfora orgânica serve para enfatizar o caráter dinâmico da realeza, que se locomove para governar o reino. Essa metáfora é muito adequada para retratar a atuação de Isabel na primeira década do seu reinado, quando mais da metade do reino castelhano permanecia insubordinada e a Rainha encontrava as mais fortes resistências nas regiões do Arcebispado de Toledo, do Marquesado de Villena, na Estremadura, na Andaluzia e na Galiza. Nas narrativas do período sobre a atuação de Isabel nessas cinco regiões, percebe-se o intenso deslocamento da Rainha durante todo o período da guerra. A visita a várias cidades e vilas foi uma estratégia utilizada para renovar a fidelidade já obtida e suscitar novas adesões. O ímpeto da Rainha reforçava o caráter destemido e determinado em sua imagem. O deslocamento para apaziguar a vila de Uclés também é ilustrativo a esse respeito:

[...] e em três dias veio de Valladolid até a vila de Ocaña e apesar de ser noite a hora em que chegou a Ocaña, e fazer muito afortunado tempo de águas e ventos, logo partiu e foi para a vila de Uclés (PULGAR, 1943, v. II, p. 287, tradução nossa)²¹.

Em outro episódio narrado por Pulgar, Isabel, impetuosa, partiu desacompanhada, depois seria alcançada por sua guarda.

[...] apesar de que naquela hora fazia grande fortuna de águas, logo cavalgou, e saiu sozinha pela porta do Campo, e foi a caminho de Simancas ... E como se soube pela corte que a Rainha ia sozinha, logo todos os capitães de sua guarda cavalgaram, e foram correndo até que a alcançaram (PULGAR, 1943, v. II, p. 442, tradução nossa)²².

Reforçava-se assim aspectos viris de coragem e determinação na imagem da Rainha na defesa da herança recebida. Em sua *Crónica de los Reyes Católicos*, Fernando del Pulgar havia destacado as habilidades de Fernando como grande cavaleiro, mas era necessário reforçar o mesmo aspecto na figura de Isabel. Como já afirmado, a ascenção ao trono castelhano foi marcada por uma disputa inicial entre Fernando e Isabel. O debates entre os juristas dos reinos de Aragão e Castela levaram à conclusão que Isabel era a rainha de Castela e a participação de Fernando no governo do reino foi narrado como uma concessão da Rainha ao marido. Era necessário afirmar na imagem da Rainha o que havia sido estabelecido juridicamente. Se a condição feminina não era impedimento para a herança do trono, também não deveria sê-lo para o governo do reino. Nesse sentido, o cronista enfatiza que nem a gravidez representava um impedimento para a postura viril e equestre da Rainha:

[...] partiu da vila de Medina e foi para a cidade de Toledo, onde esteve os três dias da páscoa de Ressurreição. E apesar de estar grávida, logo no outro dia partiu de Toledo e foi para a cidade de Córdoba, onde o Rei a estava esperando (PULGAR, 1943, v. II, p. 20, tradução nossa)²³.

Assim, nas narrativas dos deslocamentos

²¹ [...] y en tres días vino desde Valladolid hasta la villa de Ocaña y como quería que era de noche a la hora que llegó a Ocaña, y hacía muy afortunado tiempo de aguas y vientos, pero luego partió y fué para la villa de Uclés.

²² [...] como quería que a la hora hacía gran fortuna de aguas, pero logo cayó, y salió sola por la puerta del Campo, y fué camino de Simancas ... E como se supo por la corte que la Reyna iba solo, luego todos los capitanes de su guarda cavalaron, e fueron corriendo hasta que la alcanzaron.

²³ [...] partió de la villa de Medina, e fué para la ciudad de Toledo, donde estuvo los tres días de la pascua de Resurrección. E como quería que estaba preñada e trabajada del camino, pero luego otro día partió de Toledo, e fué para la ciudad de Córdoba, donde el Rey la estaba esperando.

de Isabel, os homens do seu tempo construíram uma imagem de rainha ideal, caracterizada pela bravura, coragem e determinação. Como bem observa Cristina Segura Graíño (2002, p. 184), a sociedade da época de Isabel, dominada pelo patriarcado, vedava os espaços públicos para as mulheres e, apenas em circunstâncias especiais, aceitava as exceções, como no caso de da Rainha de Castela. Contudo, nesses casos excepcionais, surgiam as imagens de bravura, de virilidade e de violência, observadas por Arturo Firpo (1986) na literatura castelhana do final da Idade Média, que coexistiam com fortes tendências idealizadoras. No caso de Isabel, podemos afirmar que o ímpeto foi um gesto emocional fundamental para a afirmação da coragem, da bravura, da virilidade e da violência, componentes fundamentais da imagem idealizada da Rainha. Dos gestos emocionais revelados nas narrativas do período, o ímpeto da Rainha é o que permite melhor reforçar sua autoridade.

Considerações finais

A história política do reinado dos Reis Católicos renovou-se nas últimas décadas ao mobilizar o poder para explicar a dinâmica social, bem como ao acenar para a possibilidade de se agregar as dimensões simbólicas e afetivas ao estudo da política. Consoante com essa nova perspectiva historiográfica, o artigo buscou apresentar uma análise da construção da imagem de Isabel a Católica aproximando a História Política e a História das Emoções. Destacamos as emoções e os modos de expressão emocional que foram utilizados para radicalizar uma imagem ideal da Rainha dentro de comunidades emocionais específicas, composta por reis, nobreza e letrados, ou seja, o público ao qual foram dirigidos os escritos da época. Analisando a imagem construída pelo cronista Fernando del Pulgar, observamos que as emoções e os gestos emocionais foram elementos fundamentais na articulação da condição feminina de Isabel ao modelo masculino de rei. Considerando o contexto político do reinado, observamos que o

amor destacado na imagem da Rainha servia tanto para a afirmação da autoridade régia, como para a legitimação do governo conjunto de Isabel e Fernando. Além disso, na economia dos afetos que organizava a vida social, o amor era entendido como um instrumento estabilizador, mobilizado por Isabel tanto no processo de mediação de conflitos e de disputas, como no de ascenção social e política. No que se refere ainda à legitimação do reinado e à afirmação da autoridade régia, podemos afirmar que o ímpeto foi um gesto emocional fundamental para destacar a coragem, a bravura, a virilidade e a violência, componentes fundamentais da imagem da Rainha, uma mulher que foi considerada a legítima herdeira do trono castelhano e assumiu efetivamente a administração do reino.

Referências

- AZCONA, Tarcísio de. *Isabel la Católica*. Estudio crítico de su vida y su reinado. Madrid: Católica, 1964.
- BERNALDEZ, Andrés. *Historia de los Reyes Católicos*. In: ROSSEL, Cayetano (Ed.). *Crónicas de los Reyes de Castilla*. Madrid: Atlas, 1953. v. III. p. 568-773. (Biblioteca de Autores Españoles, 70).
- BLACK, Antony. *El pensamiento político en Europa, 1250-1450*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- CEPEDA ADÁN, José. En torno al concepto de Estado en los Reyes Católicos. Madrid: CSIC, 1956.
- CORTES de los Antiguos Reinos de Castilla y Leon. Madrid: Real Academia de la Historia, 1861-1882.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. I.
- _____. *O processo civilizador*: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. II.
- FEBVRE, Lucien. La sensibilité et l'histoire: comment reconstituer la vie affective d'autrefois? *Annales D'histoire Sociale*, 3, p. 5-20, jan./jun. 1941.
- FERREIRA, Letícia dos Santos. *Amor, sacrifício e lealdade*. 2010. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

- FIRPO, Arturo R. Las concubinas reales en la Baja Edad Media caste-lhana. En: FONQUERNE, Yves-René (Ed.). *La condición de la mujer en la Edad Media: actas del coloquio (Hispano-Francés) celebrado en a Casa de Velázquez, del 5 al 7 nov. de 1984*. Madrid: Universidad Complutense. 1986. v. 3. p. 333-341.
- GARCÍA DE CASTROJERIZ, Juan. *Glosa castellana al Regimiento de Príncipes*. Madrid: Juan Beneyto Editor, 1947-1948.
- GAUVARD, Claude. Violência. In: LE GOFF, Jacques; SHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. v. II. p. 605-613.
- GUIMARÃES, Marcela Lopes. Crônica de um gênero histórico. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 2, p. 67-78, maio 2012. Disponível em: <<http://www.dialogosmediterraneicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/23/65>>. Acesso em: 06 set. 2015.
- HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lousã: Ulisseia, 1919.
- MIETHKE, Jürgen. *Las ideas políticas de la Edad Media*. Buenos Aires: Biblos, 1993.
- NIETO SORIA, Jose Manuel. *Fundamentos ideológicos del poder real en Castilla*. Madrid: Eudema, 1988.
- PROCHASSON, Christophe. Emoções e política: primeiras aproximações. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 305-324, jul. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 set. 2015.
- PULGAR, Fernando del. *Crónica de los Reyes Católicos*. Juan de Mata Carriazo ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1943. v. 2. (Colección de Crónicas Españolas, V-VI).
- QUINTANILLA RASO, María Concepción. Élites de poder, redes nobiliarias y monarquía en la Castilla de fines de la Edad Media. *Anuario de Estudios Medievales*, v. 37, n. 2, p. 957-981, 2007.
- _____. Conflictos entre grandes. De las luchas internobiliarias a los debates interseñoriales. In: NIETO SORIA, José Manuel (Dir.). *El conflicto en escenas. La pugna política como representación en la Castilla Bajomedieval*. Madrid: Sílex, 2010. p. 59-104.
- ROSENWEIN, Barbara (Ed.). *Anger's past: the social uses of an emotion in the Middle Ages*. Ithaca: Cornell UP, 1998.
- _____. Worrying about emotions in history. *The American Historical Review*, v. 107, n. 3, jun. 2002.
- _____. *Emotional communities in the early Middle Ages*. Ithaca: Cornell UP, 2006.
- ROSENWEIN, Barbara; HEAD, Thomas; FARMER, Sharon. Monks and their enemies: A Comparative Approach. *Speculum*, Chicago, n. 66, p. 764-796, 1991.
- SEGURA GRAÍÑO, Cristina. Las mujeres en la época de Isabel la Católica. In: VALDEÓN BARUQUE, J. *Sociedad y economía en tiempos de Isabel la Católica*. Valladolid: Ambito, 2002, p. 183-201.
- SANTA CRUZ, Alonso de. *Crónica de los Reyes Católicos*. ed. Juan de Mata Carriazo. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, 1951.
- SUÁREZ FERNÁNDEZ, Luis. *Los Reyes Católicos: el tiempo de la Guerra de Granada*. Madrid: Rialp, 1989.
- _____. *Los Reyes Católicos: el camino hacia Europa*. Madrid: Rialp, 1990a.
- _____. *Los Reyes Católicos: la expansión de la fe*. Madrid: Rialp, 1990b.
- _____. *Isabel, mujer y reina*. Madrid: Rialp, 1992.
- _____. Isabel, aquella infanta que llegó a reinar. *Cuadernos de Investigación Histórica*, Espanha, n. 21, p. 1-30, 2004.
- _____. Perfil humano de Isabel la Católica. *Humanitas: Revista de Antropología y Cultura Cristiana*, Año 15, n. 60, p. 676-687, 2010.
- _____. *Isabel I. Reina*. Barcelona: Ariel, 2012.
- TESTAMENTO y Codicilo de Isabel la Católica. Madrid: Ministerio de Asuntos Exteriores. Dirección General de Relaciones Culturales, 1956.
- VAL VALDIVIESO, María Isabel. *Isabel I de Castilla (1451-1504)*. Ediciones del Orto, 2004.
- _____. La educación en la corte de la Reina Católica. *Miscelánea Comillas*, Madrid, v. 69, n. 134, p. 255-273, 2011.
- VAL VALDIVIESO, María Isabel; VALDEÓN BARUQUE, Julio. *Isabel la Católica, reina de Castilla*. Valladolid: Ambito, 2004.
- VALDEÓN BARUQUE, Julio (Coord.). *Arte y cultura en la época de Isabel la Católica*. Valladolid: Ambito, 2003.
- _____. (Coord.). *Vision del reinando de Isabel la Católica: desde los cronistas coetaneos hasta el presente*. Valladolid: Ambito, 2004.
- VALERA, Diego. *Tratado de las epístolas*. Madrid: Atlas, 1959. (Biblioteca de Autores Españoles,

116)NOSTALGIA por Schafik en militancia del FMLN.
El Diario de Hoy, San Salvador, p. 10, 25 ene. 2009.

PALMER, S. Carlos Fonseca and the construction of Sandinismo in Nicaragua. **Latin American Research Review**, Pittsburgh, v. 23, n. 1, p. 91-109, 1988.

PUYANA, J. R. El proceso de selección de los candidatos a diputados del FMLN: ¿qué hay detrás de las candidaturas? **Reflexión Política**, Córdoba, v. 10, n. 20, p. 202-225, 2008.

¿QUÉ ES ALBA? Disponible en:
<<https://www.youtube.com/watch?v=8nvlNSGqGfs>>. Consultado el 19 nov. 2015.

SALAMANCA, E. Quién teme al lobo feroz? ¿Quién escribirá las historias de la Izquierda? Disponible en:
<<http://losblogs.elfaro.net/landsmorder/2015/07/qui%C3%A9n-escribir%C3%A1-las-historias-de-la-izquierda.html>>. Consultado el 20 jul. 2015.

SALVADOR Sánchez Cerén, jefe de fracción del FMLN. **Diario Co Latino**, El Salvador, p. 3, 27 ene. 2006.

SCHAFIK no es de los hombres que hay que llorarles: Carlos Ruiz. **Diario Co Latino**, El Salvador, p. 2, 27 ene. 2006.

SIEP. Servicio Informativo Ecuménico y Popular. Abril 2009. Disponible en: <<http://www.ecumenico.org/>>. Consultado el 22 feb. 2014.

SPRENKELS, R. La memoria militante. Historia y política de la postguerra. In: REY TRISTÁN, E. (Ed.). *Conflictos, memoria y pasados traumáticos: El Salvador contemporáneo*. Santiago de Compostela: Imprenta Universitaria, 2011. p. 255-274.

TRIBUNAL SUPREMO ELECTORAL. República de El Salvador Centroamérica. **Memoria Especial Elecciones 2009**, San Salvador: Imprenta Nacional, 2009.

VÁSQUEZ, R. **El FMLN no es plural y no debe serlo**. 8 oct. 2007. Disponible en:
<http://archivo.elfaro.net/Secciones/noticias/20051107/noticias5_20051107.asp>. Consultado el 5 jun. 2013.

YAÑEZ, M. Rupturas y debates internos del FMLN desde los acuerdos de paz a la victoria electoral. In: DE GORI, E.; PIRKER, C.; VILLACORTA, E. (Ed.). **2014: año de elecciones**. El Salvador y Costa Rica: miradas sobre el orden político. Buenos Aires: Sans Solei Ediciones, 2014. p. 183-192.